

O caso paradigmático de O Homem dos Lobos

Angélica Cantarella Tironi

Psicanalista

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Mestre e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro /UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Correspondente da Seção Rio de Janeiro da Escola Brasileira de Psicanálise (Rio de Janeiro, Brasil)

E-mail: angelicatironi@gmail.com

Resumo

A proposta deste artigo é investigar a hipótese de uma psicose ordinária no caso freudiano do Homem dos Lobos. O relato de Freud mostra alguns índices que possibilitam tomar Sergei Pankejeff como um caso paradigmático, pois no período em que ele o atendia não se verificava a presença de alucinações típicas ou transtornos de linguagem tão comuns em casos de psicoses desencadeadas. Apesar de ser possível localizar alguns elementos que indicam ao menos uma fenomenologia psicótica na época em que ele se analisava com Freud – a posição fixa do olhar dos Lobos e a alucinação do dedo cortado, por exemplo –, ainda hoje o Homem dos Lobos suscita discussões no campo da psicanálise sobre o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose.

Palavras-chave: psicanálise, Homem dos Lobos, diagnóstico diferencial, psicose ordinária, neurose obsessiva.

Le cas paradigmatique de l'homme aux loups

Cet article propose d'investiguer l'hypothèse d'une psychose ordinaire dans le cas freudien de l'homme aux loups. Le rapport de Freud montre certains indices qui permettent de prendre le cas de Sergei Pakejeff comme un paradigme, puisque pendant la période où il est son patient, il ne présente ni les hallucinations typiques ni les troubles du langage qui sont communs dans les cas de psychose déclenchée. Malgré l'existence de la possibilité de localiser quelques éléments qui indiquent au moins une phénoménologie psychotique à l'époque où Freud était son analyste – son regard figé et l'hallucination du doigt coupé par exemple – de nos jours l'Homme aux loups continue à susciter des discussions dans le champ de la psychanalyse à propos du diagnostic différentiel entre la névrose et la psychose.

Mots-clés: psychanalyse, Homme aux loups, diagnostic, psychose ordinaire.

The paradigmatic case of the Wolf Man

The purpose of this article is to investigate the hypothesis of an ordinary psychosis in the Freudian case of the Wolf Man. Freud report shows certain ratios that allow taking Sergei Pankejeff case as a paradigmatic, because in the period in which he was his patient, was not observed typical hallucinations and language disorders as common in cases of triggered psychosis. Although you can find some elements that indicate at least one psychotic phenomenology at the time that he was analyzed by Freud - the fixed wolves eyes position and cut finger hallucination, for example – even today the Wolf Man raises discussions in the field of psychoanalysis about the differential diagnosis between neurosis and psychosis.

Keywords: psychoanalysis, Wolf man, diagnosis, ordinary psychosis.

O caso paradigmático de O Homem dos Lobos¹

Angélica Cantarella Tironi

O caso do Homem dos Lobos, escrito por Sigmund Freud (1918[1914]) no texto "História de uma neurose infantil", se tornou um paradigma da clínica psicanalítica e inquieta os analistas ainda hoje. Isso decorre do fato de haver uma variedade de diagnósticos para este paciente, fornecida por diferentes profissionais dos campos da psicanálise e da psiquiatria, que vai desde uma neurose obsessiva – com sintomas fóbicos e de conteúdo religioso –, até uma psicose paranoide, com sintomas hipocondríacos.

Partimos da hipótese de que este caso é paradigmático, pois não se encontra uma classificação satisfatória de Sergei Pankejeff nas estruturas clínicas delimitadas por Freud e formalizadas por Jacques Lacan na clínica estruturalista do Nome-do-Pai. Portanto, propomos inicialmente considerá-lo como um caso inclassificável, para, posteriormente, com as ferramentas analíticas recolhidas da clínica borromeana e do programa de investigação sobre a psicose ordinária, discutirmos algumas questões que levantamos neste artigo. Que elementos clínicos Freud privilegiou para diagnosticar o Homem dos Lobos como um neurótico obsessivo? Que indícios colocaram o diagnóstico de Freud sob suspeita? O Homem dos Lobos pode ser considerado um caso de psicose? O termo psicose ordinária pode ser aplicado a este paciente?

Na década de 1990, alguns analistas começaram a relatar certas dificuldades em diagnosticar seus pacientes nas estruturas clínicas que orientam o diagnóstico diferencial em psicanálise desde Freud. Diante deste impasse, a psicanálise de orientação lacaniana realizou uma série de encontros² para que se pudesse entender o que ocorreu para que tantas casuísticas restassem fora desta classificação. Desde o início da apresentação destes casos, o termo inclassificável nunca figurou como uma possibilidade diagnóstica. Se ele tivesse sido legitimado deste modo, os analistas teriam que incluir uma peça a mais no rol das estruturas clínicas freudianas, o que colocaria em xeque alguns pilares analíticos determinantes, tal como a posição do analista, o manejo da transferência, a direção do tratamento e o diagnóstico em psicanálise.

Segundo Bogochvol (2007), o termo inclassificável é uma exigência lógica de todo sistema classificatório. Ele define casos que não se inserem na nosografia estabelecida em um certo campo teórico. É a evidência de que não há uma categoria para eles, pois os "termos, conceitos, critérios e julgamentos fracassaram em apreender uma dada realidade clínica e em inseri-la na classificação estabelecida". A dificuldade em classificar decorre tanto do fato de se operar com determinado sistema classificatório, quanto de limitações inerentes ao próprio sistema. Quando estas dificuldades aparecem, a tendência é realizar uma modificação em suas definições para a inclusão daquilo que não se inscrevia anteriormente – tal como ocorreu com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) e com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), em suas inúmeras reedições.

Em relação às classificações psiquiátricas, Sérgio Laia (2009) afirma que o DSM-IV exigiu uma revisão para acertar fundamentalmente duas características: 1) já que os transtornos mentais eram definidos por diversos sintomas, não era necessário que todos os sintomas listados estivessem presentes para se diagnosticar um transtorno mental; 2) as categorias nas quais o DSM-IV se estruturava eram referidas a conceitos binários, que não permitiam nem a exceção e nem tampouco as gradações que poderiam existir entre a simples presença ou ausência de um determinado transtorno mental (Laia, apud Krueger; Bezdjian, 2009, p. 94). As pesquisas psiquiátricas almejavam o fim das categorias e das tipologias deste método de classificação exatamente porque, dessa forma, alguns casos restavam inclassificados.

A novidade do DSM-V em relação ao seu precedente é que a visão diagnóstica não se sustenta mais em categorias, mas em dimensões que facilitam a fusão de algumas patologias psiquiátricas e sua diluição em critérios de normalidade correntes no senso comum. Segundo Laurent (2010/2011, p. 130), a noção de depressão é um ótimo exemplo, pois ela passou a fazer parte da linguagem comum para definir “uma espécie de *continuidade* que vai da tristeza acentuada até a depressão grave, a melancolia, etc. Coloca-se um novo acento sobre a bipolaridade, chamada maníaca ou melancólica, ou as duas de uma vez”.

Os manuais diagnósticos sempre se preocuparam em constituir uma língua universal que pudesse encerrar o mal-entendido próprio à comunicação humana. Baseados no ideal da transparência e da precisão, eles pretendem ser um instrumento que associa o máximo da descrição a uma margem mínima de erro. Fundar uma prática diagnóstica baseada neste consenso é estar a serviço de resultados previamente estabelecidos pela lógica do mercado psicofarmacológico e sua oferta constante de novos tratamentos medicamentosos.

Jésus Santiago (2010) afirma que o DSM representa uma das maiores mutações da ordem simbólica nos últimos tempos: ao transformar a existência em uma terapêutica medicamentosa veiculada por uma publicidade que visa fortalecer o mercado, ele anula de forma radical o sujeito do inconsciente com a promessa de que não há nenhum problema da experiência humana que não tenha uma solução fornecida pela ciência. Portanto, tanto o sistema classificatório dos manuais psiquiátricos quanto a avaliação quantitativa que o sustenta, visam fornecer, de forma imaginária, uma solução ao que não cessa de não se inscrever no humano. Nesta mesma via, Ram Mandil (2010, p. 2) esclarece que, mais que um manual diagnóstico, o DSM pode ser considerado uma “instituição cultural”, pois ele oferece a construção de diferentes identidades referidas a determinadas práticas de gozo comuns na atualidade.

Quando o DSM é socialmente aceito enquanto discurso hegemônico de uma verdade científica, corre-se o risco de uma normatização pelos ideais universais da cultura. No entanto, juntamente com este sonho científico buscado pela lógica classificatória – da avaliação, da quantificação e do controle – novamente surge o inclassificável, que escapa ao imperativo superegóico “do *todos classificados, tratados e adaptados conforme a vontade do amo contemporâneo*” (Reymundo, 2011, p. 64, grifos do autor).

Este inclassificável, que denuncia o fracasso de qualquer sistema classificatório, é o ponto central da experiência analítica, pois carrega o irreduzível do sintoma que é o que há de mais pessoal e típico em cada um. Ao tomar cada caso como único, a psicanálise faz resistência aos enquadramentos e às classificações comuns ao discurso dominante da ciência, que escraviza o sujeito a um saber que *ex-siste* a ele mesmo. Este domínio do saber é um exemplo típico dos efeitos das quantificações e avaliações estatísticas, que produzem discursos universais para serem consumidos tal qual um *gadget*.

Apesar de insistir na importância do diagnóstico em psicanálise, Miller (2001, p. 20) adverte que, por serem fundamentadas em uma verdade que varia de acordo com o discurso nas quais elas se inserem, todas as classificações possuem algo de relativo, pois "o universal da classe, seja ela qual for, nunca está completamente presente num indivíduo" (Miller, 2001/2006, p. 25). Portanto, ao manejá-las, o psicanalista deve estar atento para não utilizar o diagnóstico como uma classificação restritiva à escuta do singular. Ao contrário, ele deve sempre buscar os princípios individuais que possam orientar cada diagnóstico.

No contexto dessa tensão entre o universal e o singular, se justifica a noção de psicose ordinária, que permite alargar o diagnóstico estruturalista da psicose a partir da clínica borromeana do segundo ensino de Lacan. Esta ampliação facilita o reconhecimento de soluções singulares inventadas por alguns psicóticos diante das dificuldades que experimentam em dar tratamento à forclusão do Nome-do-Pai. Por não se servirem dos significantes mestres tradicionais da cultura, essas soluções evidenciam o caráter de singularidade que as afasta de qualquer possibilidade de inserção classificatória nas séries estatísticas de avaliação utilizadas pela clínica objetiva.

Portanto, os casos inclassificáveis foram os responsáveis pelo desencadeamento do programa de investigação sobre as psicoses ordinárias, termo inventado por Jacques-Alain Miller (1998/2006) com o objetivo inicial de isolar as especificidades dos casos clínicos que surpreendiam os psicanalistas em relação ao diagnóstico diferencial em psicanálise. Nesse percurso, concluiu-se que essas casuísticas eram mais frequentes do que inicialmente se supunha. Resistentes à classificação, elas indicavam a necessidade de se ir mais além da perspectiva estritamente estruturalista do primeiro ensino de Lacan.

Tal programa foi iniciado em 1996, em *O Conciliábulo de Angers (Efeitos de surpresa nas psicoses)* (Miller et al., 1996/2005), e prosseguiu em dois outros encontros do Campo Freudiano, respectivamente, em *A Conversação de Arcachon (Casos raros: os inclassificáveis da clínica)* (Miller et al., 1997/2005) e em *A psicose ordinária: a Convenção de Antibes* (Miller et al. 1998/2006), onde o termo surgiu articulado a uma fundamentação clínica determinante.

A importância da investigação sobre as psicoses ordinárias decorreu do fato de que, nessas casuísticas, os fenômenos elementares e a sistematização da metáfora delirante, tão comuns nas psicoses extraordinárias, não estavam presentes da mesma maneira. Como os sinais da estrutura não apareciam, à primeira vista, de forma tão clara, foi necessário realizar um alargamento dos índices de reconhecimento da clínica das psicoses para além daquelas definidas por Lacan em *O*

seminário, livro 3: as psicoses (Lacan, 1955-1956) e em "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose" (Lacan, 1957-1958). Desta forma, puderam ser incluídos psicóticos mais modestos, tais como "a psicose compensada, a psicose *suplementada*, a psicose não desencadeada, a psicose medicada, a psicose em terapia, a psicose em análise, a psicose que evolui, a psicose *sinthomatizada*" (Miller, 1998/2006, p. 201, grifos do autor).

A clínica estrutural, sustentada pelo significante Nome-do-Pai enquanto referência operativa exclusiva para a distinção entre neurose e psicose, evidenciava a formalização essencialmente binária da clínica freudiana e exigia que a fronteira bastante espessa que se formava entre elas pudesse ser questionada. Este questionamento ocorreu através da clínica borromeana que, além da referência a um operador central, se orienta também pela prevalência das modalidades de gozo que considera que "tanto o francamente psicótico como o normal são variações (...) da situação humana" (Miller, 1996-1997/2005, p. 202).

Portanto, para a investigação sobre as psicoses ordinárias, duas perspectivas devem estar intimamente articuladas: 1) Por um lado, na clínica estrutural, o "há ou não há", a presença-ausência do Nome-do-Pai delimita uma descontinuidade entre as estruturas neurose e psicose, oferecendo clareza em relação ao diagnóstico em psicanálise; 2) Por outro lado, na clínica borromeana, a palheta de gradação variando entre o mais e o menos permite considerar as estruturas neurose-psicose no viés de uma continuidade dos modos de gozo comuns a todo ser humano (GELLER, 1998/2005, p. 9). Isso significa que, no que concerne à experiência analítica, à referência a estrutura clínica, devem ser acrescentados outros elementos orientadores para além da presença-ausência do Nome-do-Pai. Esta adição permite flexibilizar a rigidez da clínica binária e facilita o diagnóstico de casos estruturados por outros elementos que não sejam os significantes-mestres tradicionais da cultura.

Tais elementos colocam em evidência alguns índices clínicos de foraclusão que não se concluem em uma desordem central flagrante, tal como no desencadeamento clássico de uma psicose extraordinária. Eles apontam para novos índices de reconhecimento da desordem na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito, tal como Lacan definiu em *De uma questão preliminar...* (Lacan, 1957-1958/1998, p. 565). Estes índices de foraclusão são localizados em relação a uma tripla externalidade: 1) pela forma com que o sujeito se identifica a uma função *social*, 2) na maneira que se utiliza de laços artificiais para apropriar-se de seu *corpo* e 3) na *subjetividade*, pela fixidez especial com que experimenta o vazio, cuja natureza não é passível de dialética: "É uma clínica muito delicada. Frequentemente é uma questão de intensidade, uma questão de mais ou menos. Isso os orienta para o que Lacan chamou de 'uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito'" (Miller, 2009/2010, p. 13).

A psicose ordinária não é uma categoria de Lacan; trata-se de uma categoria clínica extraída dos últimos anos de sua transmissão, que possibilita uma releitura *a posteriori* dos primeiros anos desse ensino. Ela se torna crucial na clínica da atualidade, visto que novas modalidades de apresentação das psicoses estão cada vez mais frequentes no dispositivo analítico causando questões no que concerne ao diagnóstico em psicanálise.

Sobre o caso do Homem dos Lobos

A partir desta breve introdução sobre a maneira com a qual a psicanálise respondeu aos casos considerados, à primeira vista, inclassificáveis, e desde os elementos utilizados pelos analistas de orientação lacaniana no programa de investigação sobre a psicose ordinária, iremos retomar o caso clínico do Homem dos Lobos em dois períodos distintos: enquanto estava sendo atendido por Freud, e posteriormente, com Ruth Mack Brunswick e Muriel Gardiner. O retorno ao caso a partir destes novos elementos será a base para a discussão deste diagnóstico diferencial que ainda não foi considerado uma unanimidade entre os psicanalistas do campo freudiano.

Tomado como um caso paradigmático da clínica psicanalítica, atualmente Sergei Pankejeff ainda suscita discussões sobre o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose. Apesar de, na época em que ele era analisado por Sigmund Freud, ser possível localizar alguns elementos que indicariam ao menos uma fenomenologia típica do campo das psicoses – a posição fixa do olhar dos Lobos e a alucinação do dedo cortado, por exemplo –, não se verificava a presença de alucinações típicas, transtornos de linguagem ou sistematizações delirantes comuns nas psicoses extraordinárias.

Esta dificuldade diagnóstica levou alguns psicanalistas de orientação lacaniana a realizarem um retorno ao caso do Homem dos Lobos. Se por um lado, Jacques-Alain Miller e Agnès Aflalo, a partir da Convenção de Antibes, apostaram no diagnóstico de psicose ordinária, por outro, no texto “O Homem dos Lobos e a atualidade da incerteza diagnóstica”, Tania Coelho dos Santos e Sabrina Gomes Camargo (2012) confirmam o diagnóstico de neurose obsessiva fornecida por Freud a este paciente. Apesar deste artigo seguir os desdobramentos teóricos que levaram Miller a concluir pela psicose de Sergei Pankejeff, eles serão cotejados com as contribuições de Coelho dos Santos e Camargo, que esclarecem o posicionamento clínico de Freud frente à neurose do Homem dos Lobos.

O Homem dos Lobos tornou pública sua história psicanalítica com Freud e, graças a essas publicações, se tem acesso aos desenvolvimentos de suas duas análises posteriores, com Ruth Mack Brunswick e Muriel Gardiner. Ao final de uma pequena exposição do caso, relatado por Freud (1918[1914]) no texto “História de uma neurose infantil”, serão retomados alguns elementos destas outras análises, com o intuito de respondermos a algumas questões iniciais: o Homem dos Lobos apresentava uma fenomenologia psicótica enquanto estava em análise com Freud? Existem índices de uma estrutura psicótica nos relatos do tratamento que o Homem dos Lobos realizou com Brunswick e Gardiner? Quais foram os elementos clínicos que fizeram com que o diagnóstico dado por Freud ao Homem dos Lobos fosse posteriormente questionado?

Na época em que relatou o caso clínico do Homem dos Lobos, Freud (1918[1914]) estava sob a influência de dois postulados centrais que orientavam o aparelhamento teórico-clínico analítico: os acontecimentos traumáticos da primeira infância e a cena primária eram fundamentais para a produção das afecções neuróticas. Com estas ferramentas clínicas, Freud diagnosticou o Homem dos Lobos como um caso de neurose infantil. Apesar de, neste diagnóstico, Freud ter utilizado o termo *Verwerfung*, ele não descreveu o mecanismo de forclusão, do qual Lacan se serviu em todo

o seu primeiro ensino. Foi Lacan quem traduziu o termo freudiano por *foraclusão* e elevou-o à dignidade de operador da estrutura psicótica.

Quando chegou ao consultório de Freud, Sergei Pankejeff tinha 18 anos de idade. O que o levou a buscar uma análise foi uma infecção orgânica que o deixou inteiramente incapacitado e dependente de outras pessoas (Freud, 1918[1914]). A primeira fase do tratamento se desenvolveu entre 1910 e 1914, ano em que Freud concluiu esta análise e iniciou a escrita do caso. Segundo o relato de Freud, tratava-se de uma neurose da vida adulta precedida por uma neurose infantil, iniciada em torno dos quatro anos de idade. Freud diagnosticou o Homem dos Lobos como “uma histeria de angústia (na forma de uma fobia animal), que se transformou numa neurose obsessiva de conteúdo religioso e perdurou, com as suas manifestações, até os dez anos” (Freud, 1918[1914], p. 19).

Em “História de uma neurose infantil”, Freud dividiu a história clínica do Homem dos Lobos da seguinte forma: 1) o período que se estendeu até a sedução da irmã, quando o menino tinha em torno de três anos; 2) a ocasião em que ocorreu uma alteração de comportamento no menino até o sonho de angústia com os lobos, aproximadamente aos quatro anos; 3) o momento em que a fobia animal foi sucedida por uma iniciação religiosa, alguns meses após o período precedente; 4) o tempo de irrupção da neurose e dos sintomas obsessivos, até seus dez anos de idade (Freud, 1918[1914]).

Quando falava sobre o diagnóstico do Homem dos Lobos, Freud não duvidava que se tratasse de uma neurose infantil. Mas, em alguns momentos do texto, ele indicava que, em relação à patologia apresentada pelo paciente, havia outras opiniões contrárias a dele. Ele se referia ao fato de que ao chegar ao seu consultório, Sergei Pankejeff já havia consultado outros psiquiatras – como Kraepelin, em Munique, e Bleuler, em Zurique – que o diagnosticaram como uma psicose maníaco-depressiva. Nas palavras de Freud:

Formei a opinião de que este caso, como muitos outros que a psiquiatria clínica rotulou com os mais multifários e variáveis diagnósticos, deve ser considerado como uma condição que se segue a uma neurose obsessiva que acabou espontaneamente, mas deixou por trás um defeito, após a recuperação. (Freud, 1918[1914], p. 20)

Fica clara a dificuldade de Freud de manter sua hipótese diagnóstica, divergente da dos melhores especialistas em psiquiatria, e seu temor em não poder esclarecer a articulação dos dados recolhidos no percurso do tratamento do paciente. Em diversas passagens do texto, alguns enigmas questionam o diagnóstico de neurose. Segundo Freud, muitos detalhes pareceram tão extraordinários e incríveis que ele sentiu certa hesitação em pedir a outras pessoas que acreditassem neles (Freud, 1918[1914], p. 20).

Este artigo defende a hipótese de que a dificuldade em relação ao diagnóstico decorreu da não localização do pai em sua função estruturante: nem na vertente de sua presença, que indicaria o campo da neurose, tampouco na vertente de sua ausência, como nos casos de psicose

extraordinária. Freud se encontrava diante de outra configuração da presença do pai que, apesar de ser inadequada ao modelo edípico *standard* sustentado no pai como ideal, constituiu um suporte para que a psicose do Homem dos Lobos não se desencadeasse.

Esta outra configuração da metáfora paterna faz com que Freud localize diversas ligações libidinais, muitas vezes opostas, que coexistiam sem necessariamente se anularem. Segundo Miller, a variedade diagnóstica suposta ao Homem dos Lobos depende da forma que essas ligações libidinais se organizam: “neurose com tendência psicótica, caso-limite com tendência a *acting-out*, obsessão com forte coloração paranoide etc” (Miller, 1987-1988a, p. 10, grifo do autor). Vale notar que em *O Homem dos Lobos*, Miller (1987-1988a) ainda não havia proposto o programa de investigação sobre as psicoses ordinárias. Como esta pesquisa começou apenas dez anos depois da escrita deste texto de Miller, ele não contava com esta categoria para situar a questão do diagnóstico.

Em uma interpretação *a posteriori*, pode-se concluir que esta questão era o cerne de um impasse que levou Miller a incitar o Campo freudiano para uma retomada das psicoses em Lacan, o que já se encontrava latente na década de 1980. Portanto, este texto de Miller será utilizado sem que se perca de vista suas elaborações posteriores sobre as psicoses ordinárias, que trazem elementos esclarecedores para o paradigmático caso freudiano.

As primeiras expressões da neurose infantil

O contexto familiar foi um elemento bastante explorado por Freud no caso do Homem dos Lobos, na medida em que este tema facilitou o mapeamento das relações do paciente com as figuras mais importantes de sua história. Por exemplo, o pequeno Sergei Pankejeff tinha noção da fragilidade da saúde de sua mãe – que sofria de distúrbios abdominais –, e da de seu pai, que padeceu de diversas crises de depressão que o levaram a se ausentar de casa por longos períodos.

Segundo Deffieux (2006), apesar da aparição da mãe em diversas passagens do caso, não se constata uma triangulação edípica própria aos casos de neurose. A seu ver, a ausência desta triangulação resume o conflito inconsciente do Homem dos Lobos exclusivamente à relação pai-filho e se torna determinante para o posicionamento subjetivo do paciente neste caso.

Em relação à configuração do pai, Miller (1987-1988a) aponta duas vias orientadoras: se em um primeiro tempo o pai do Homem dos Lobos podia ser encontrado com a função de um Nome-do-Pai – na medida em que ele temperava a angústia do menino, reduzindo-a por meio de uma significantização genital –, posteriormente, a predominância do medo e da angústia do Homem dos Lobos apontava para um pai devastador no sentido da assunção da castração.

Esta transformação pode ser localizada na divisão clínica do caso, realizada por Freud (1918[1914]) no texto “História de uma neurose infantil”: o que começou como uma identificação ao pai – “ser o filho do pai”, “ser homem como o pai” –, se converteu em uma escolha de objeto – o Homem dos Lobos “quer se fazer amar pelo pai como uma mulher”, mas para isso precisou aceitar a castração. Esta conversão pode ser localizada em algumas passagens: 1) na cena da sedução, o componente masoquista se tornou prevalente na economia libidinal: o “fazer-se amar como uma

mulher” foi substituído pelo “fazer-se bater pelo pai”. 2) na fobia houve uma nova modificação: o amor pelo pai foi negado e se tornou “fazer-se devorar pelo lobo”. 3) finalmente, por meio de uma sublimação do masoquismo ocorrida após o processo fóbico, o “fazer-se amar pelo pai” retornou não mais “como uma mulher”; agora esta mulher era especificada como uma mãe capaz de dar uma criança ao pai (Aflalo, 2010, p. 18).

Não só o pai, mas também outras figuras contribuíram para o padecimento do Homem dos Lobos. A irmã dois anos mais velha, “vivaz, dotada, precocemente maliciosa” (Freud, 1918[1914], p. 25), desempenhou um papel fundamental em sua vida e em seu adoecimento. Além da família nuclear, outras figuras femininas foram importantes neste caso: a babá Nanya – idosa de origem camponesa que nutria uma grande afeição por Sergei – e uma governanta inglesa a quem, no primeiro momento, recaiu toda a responsabilidade pela mudança no comportamento e o início da neurose do menino. Em uma primeira análise, Freud apontava um excesso na feminilidade dessas mulheres que cercavam Sergei na época do seu adoecimento: a governanta geniosa, excessiva e viciada em bebida, a irmã maliciosa que o atormentava e amedrontava, e a babá excessivamente amorosa. Como esses excessos interferiram no adoecimento do paciente? Freud logo abandonou esta perspectiva e não se deteve diretamente neste assunto. Ele associou o início da patologia do paciente à ameaça de castração provinda de uma destas figuras:

Nos primeiros anos, parece ter sido uma criança de muito boa índole, tratável, até mesmo tranquila, de tal modo que costumavam dizer que ele é que devia ter sido a menina, e sua irmã mais velha, o rapaz. Certa vez, porém, ao regressarem das férias de verão, os pais encontraram-no transformado. Tornara-se inquieto, irritável e violento. Ofendia-se por qualquer coisa e depois tomava-se de raiva e berrava como um selvagem. (Freud, 1918[1914], p. 26)

Partindo de algumas lembranças encobridoras trazidas por Sergei, Freud sugeria que a mudança de comportamento do menino podia estar associada às ameaças de castração proferidas pela governanta. O resultado desta associação na análise do Homem dos Lobos foi a produção de alguns sonhos nos quais ele realizava ações agressivas contra a irmã e a governanta. De acordo com Freud, essas reminiscências eram fantasias que ele havia elaborado sobre a sua infância, provavelmente na puberdade, e que estavam articuladas a práticas sexuais que a irmã o induzira quando pequeno. Freud se questionava sobre a transformação ocorrida neste caso: uma passividade fundamental dava lugar a uma atividade agressiva.

Miller explica que se inicialmente esta agressividade era uma resposta viril à passividade fundamental, posteriormente ela se tornou um apelo à punição paterna, que intensificava ainda mais esta passividade: “A mesma atitude agressiva do Homem dos Lobos tem um duplo valor. Primeiramente, o de negar no semblante sua passividade; em segundo lugar um apelo à punição e, portanto, a apanhar do pai” (Miller, 1987-1988a, p. 38).

Contudo, no desenvolvimento deste caso, Freud percebeu que não se tratava simplesmente de uma transformação de atitude, mas sim da coexistência de duas correntes opostas:

Primeiro, resistiu e, depois, capitulou; mas a segunda reação não *anulou* a primeira. Afinal, seriam encontradas nele, lado a lado, duas correntes contrárias, das quais uma abominava a ideia de castração, ao passo que a outra estava preparada para aceitá-la e consolar-se com a feminilidade, como uma compensação. A terceira, a mais antiga e profunda, que simplesmente rejeitara a castração, em que o juízo sobre a sua realidade não chegou à consideração, ainda podia certamente ser ativada. (Freud, 1918[1914], p. 93)

O que intrigava Freud era o fato de Sergei pensar na castração sem nenhuma crença em relação a ela, e vê-la por todos os lados sem estar convicto de sua operatividade. Neste momento, podem ser apresentadas duas interpretações. Quando se pensa o caso no campo das psicoses, pode-se dizer, com Miller, que o fato de estas correntes opostas coexistirem sem anularem uma a outra é efeito de “um defeito de convicção ou de consentimento” do Homem dos Lobos em relação à castração (1987-1988a, pp. 50-51). Agnès Aflalo (2010, p. 15) acrescenta que, neste caso, podem ser localizadas três formas diferentes de se responder à ameaça de castração: pela forclusão, pela recusa e pela aceitação. Essas respostas revelariam a psicose de Sergei constituída em dois tempos: no primeiro, se localizaria a *Verwerfung* da metáfora paterna; no segundo, a recusa e a aceitação da castração expressariam suplências sintomáticas decorrentes da forclusão, mas que não a anulam.

No entanto, por meio da teoria do Édipo invertido, Coelho dos Santos e Camargo (2012, p. 490) ressaltam que a posição viril que o Homem dos Lobos assume diante do pai é “uma virilidade mascarada, de *semblant*”, diferente daquela que se encontra tradicionalmente na saída do complexo edipiano. Nesta mascarada, o Homem dos Lobos recalca o amor ao pai para se proteger da ameaça de castração que a passividade e o desejo homossexual para com a figura paterna comportam. As autoras indicam que estes elementos são bastante comuns em casos de neurose obsessiva, confirmando assim o diagnóstico freudiano.

De que forma entender a operatividade destas duas correntes contrárias no campo da neurose obsessiva? Coelho dos Santos e Camargo (2012) a explicam através da teoria freudiana do fetichismo. No lugar do recalçamento da atitude homossexual esperada para uma neurose obsessiva clássica, surge uma negação perversa que permite o obsessivo manter a crença na universalidade do pênis e se proteger contra a ameaça de castração. Isso se torna possível através do objeto fetiche colocado no lugar da ausência do pênis, que torna uma mulher tolerável como objeto sexual. O fetichista “age como se a percepção da ausência do pênis não abalasse suas crenças, mantendo-se firme na premissa da universalidade fálica, sem necessariamente tornar-se homossexual” (Coelho dos Santos e Camargo, 2012, p. 496). No entanto, apesar de o objeto fetiche manter a satisfação

pulsional, ele acarreta sintomas que se satisfazem de modo regressivo; no caso do Homem dos Lobos, "as compulsões, as anulações retroativas e as formações reativas dão testemunho desta descoberta" (Coelho dos Santos e Camargo, 2012, p. 497).

Freud localizou a recusa da castração em uma cena infantil na qual o Homem dos Lobos observou os genitais femininos e, ao invés de ratificar as ameaças de castração proferidas pela babá, ele respondeu que aquilo era o 'traseiro frontal' das meninas (Freud, 1918[1914]). No campo das psicoses, esta passagem pode ser interpretada como uma forclusão da realidade da castração feminina e um deslocamento da significação do pênis para uma outra parte do corpo da mulher, qual seja, o traseiro. Portanto, nesta perspectiva, para o menino, uma mulher era definida pela presença do traseiro e não pela falta de pênis.

Assim, o Homem dos Lobos construiu a hipótese de que a doença da mãe era consequência do ato sexual que ele supostamente presenciou na infância. Articulando os distúrbios intestinais, o sonho com os Lobos e a cena primária, Freud afirmou que o sonho fornecia ao menino a compreensão de que as mulheres são castradas, pois elas possuem uma 'ferida' utilizada no ato sexual. Ou seja, a relação sexual não se dava por meio da vagina, mas do ânus. A constatação da forclusão da castração feminina e da eleição do intestino como novo órgão de gozo surpreendeu Freud, na medida em que contradizia a ameaça de castração que ele postulava anteriormente:

O que havia aprendido, entretanto, as alusões, que ouvira, à castração, despertaram e lançaram uma dúvida sobre a 'teoria cloacal'; fizeram-no perceber a diferença entre os sexos e o papel sexual desempenhado pela mulher. Nessa contingência, ele comportou-se como em geral as crianças se comportam quando lhes é fornecido um detalhe de informação não desejado – quer seja sexual ou de qualquer outra espécie. Rejeitou o que era novo (no nosso caso, de motivos ligados com o seu medo da castração) e agarrou-se rapidamente ao que era velho. Decidiu-se a favor do intestino e contra a vagina, tal como, por motivos semelhantes, tomou depois o partido do pai contra Deus. (Freud, 1918[1914], p. 87)

O mecanismo de recusa à castração deslocou o pênis para o traseiro, construindo uma universalidade do gozo na qual "não existe nenhum ser humano que não tenha um traseiro" (Souto, 2010, p. 7). Essa solução se sustentava na recusa da castração feminina e permitia ao Homem dos Lobos uma regulação do problema da sexualização. Desta universalidade, Miller depreendeu duas concepções sobre a teoria da relação sexual no Homem dos Lobos:

(...) temos a concepção anal, isto é, nada de noção de 'sem pênis'; depois temos o que é para ele um reconhecimento da castração, quer dizer, uma noção de 'sem pênis', há uma ferida nesse lugar nas mulheres. Então, é concebível que o estatuto do ser humano e o atributo 'dispor de um pênis' estejam disjuntos (...). Isto quer

dizer que o debate sobre o Homem dos Lobos entre concepção anal e concepção genital ou desenvolvida, é na verdade o intestino ou a vagina. Com efeito, ele formula a escolha nestes termos: ou o ânus ou a castração. (Miller, 1987-1988a, pp. 17-18)

Para Coelho dos Santos e Camargo (2012), o universal que é desmentido neste caso não é o da castração, "mas o fato de que a mulher é não-toda". Isso coaduna com algumas características encontradas no lado masculino da partilha sexual: "enquanto o desejo da mulher é orientado pela forma erotomaniaca de amar, o desejo masculino é orientado pelo objeto *mais-de-gozar* como fetiche" (Coelho dos Santos e Camargo, 2012, pp. 499-500). No caso do Homem dos Lobos, tomado pela vertente da neurose, o traseiro é a parte do corpo fetichizada e permite a eleição de objetos amorosos substitutos da mãe na cena primordial. O objeto amoroso, marcado pela depreciação tão comum nos casos de neurose obsessiva, estava apenso à posição do corpo de uma mulher, *fisicamente* rebaixada (Freud, 1918[1914]), vista de costas, com o traseiro proeminente. No lugar de uma forclusão da castração feminina, próprio ao campo das psicoses, as autoras apontam a eleição desta parte do corpo como um privilégio da disposição anal da libido próprio à neurose obsessiva.

Nesse período, o componente masoquista se tornou prevalente na economia libidinal do Homem dos Lobos, acarretando uma substituição do "fazer-se amar como uma mulher" pelo "fazer-se bater pelo pai". Esta substituição era descrita pela fantasia em que "os meninos eram castigados e surrados; particularmente lhes batiam no pênis" (Freud, 1918[1914], p. 37). As tendências masoquistas, inicialmente fundamentadas nas figuras da irmã e da babá, foram transferidas para o pai: "Este objeto de identificação de sua corrente ativa passou a ser o objeto sexual de uma corrente passiva na fase sádico-anal" (Freud, 1918[1914], p. 38). Dessa forma, a posição passiva do Homem dos Lobos em relação às mulheres agora foi tomada frente a um homem: a identificação foi substituída pela escolha objetal (Freud, 1918[1914], p. 39). Iniciou-se o período da histeria de angústia na forma de uma fobia animal.

Histeria de angústia na forma de uma fobia animal

Um outro elemento que fornece indícios para retomarmos a hipótese de uma psicose ordinária é o estatuto da fobia do Homem dos Lobos. Para esclarecer este ponto, será necessário abordar brevemente algumas especificidades da fobia de Hans, especialmente o estatuto da angústia em relação à ameaça de castração, a especificidade do objeto fóbico e a operatividade da medida protetora da fobia.

O início da fobia do Homem dos Lobos aconteceu antes dos cinco anos de idade frente à figura de um lobo de pé, desenhado em um livro de figuras que sua irmã o fazia olhar frequentemente para atormentá-lo. Ele tinha medo que o lobo viesse e o comesse (Freud, 1918[1914]). No que concerne ao estatuto da angústia, Aflalo (2010, p. 10) aponta uma distinção

entre Hans e o Homem dos Lobos: o primeiro apresentava uma angústia de castração, pois temia ser mordido pelo cavalo, ao passo que o segundo apresentava uma angústia de morte, expressa pelo medo de ser devorado pelo lobo.

Frente a esta comparação inicial, levantamos duas questões: a angústia de morte pode ser tomada como índice da inoperatividade do Nome-do-Pai, no caso do Homem dos Lobos? Na economia psíquica do Homem dos Lobos, o estatuto do Outro é o de um Outro gozador, ao qual ele se encontrava submetido?

Em Hans, a fobia causava uma inibição sintomática que impedia o menino de passear pelas ruas da cidade. O cavalo funcionava como uma nomeação do medo e, em parte, aplacava sua angústia. O objeto fóbico velava o ponto intolerável da angústia em um esforço imaginário que delimitava o espaço, mas ainda assim não conseguia dar conta dessa experiência: "o resultado da fuga fóbica segue sendo, apesar de tudo, insatisfatório", afirmava Freud (1915, p. 191). A funcionalidade da medida protetora de Hans em relação aos cavalos é pertinente para se pensar a inibição sintomática causada pelo objeto fóbico. Diferente deste, o Homem dos Lobos se limitava a fechar o livro de contos como forma de evitação do objeto fóbico. O lobo não era um objeto essencialmente externo, ele fazia parte da irrealidade dos contos de fada contados pela irmã.

Sobre esse ponto Agnès Aflalo afirma que "o cavalo de Hans requer o campo da percepção, enquanto o lobo de Sergei é feito de narrativa e de imagem. Parece então que há uma colocação em jogo do campo simbólico da realidade para Hans, mas não para Sergei" (Aflalo, 2010, p. 11). Quando uma fobia é instalada em relação a um animal, por exemplo, qualquer possibilidade de encontro com ele é radicalmente evitada. A fobia exige uma universalidade – Hans tinha medo de todos os cavalos, qualquer que fosse a atitude – que não aparece no Homem dos Lobos, pois "o lobo não se torna um animal fóbico de forma estável" (Aflalo, 2010, p. 11). Ele teme o lobo de pé, uma especificidade que não se encontra, a rigor, nos objetos da fobia. Esta distinção permite que se afirme que a fobia não possui a mesma estrutura nos dois casos.

No entanto, Coelho dos Santos e Camargo (2012) oferecem um contraponto a esta teorização. Elas fazem notar que a partir das construções em análise, o Homem dos Lobos chega à cena do coito entre os pais, o que permite uma associação entre a posição do pai no ato sexual e a posição do lobo na história infantil. Decorre daí o fato de este temor de ser devorado poder ser considerado como uma regressão à fase oral da libido, em decorrência do reconhecimento da ameaça de castração. Esta ameaça que retorna enquanto angústia no despertar do sonho com os Lobos evidencia a expressão do desejo do Homem dos Lobos de ser sexualmente abordado pelo pai, tal como a mãe na cena do coito. Esta angústia foi um fator fundamental para o recalçamento da posição homossexual passiva do menino com relação ao pai.

Ao mencionar os fragmentos clínicos concernentes às três respostas do Homem dos Lobos frente à castração, foi apontado que a recusa poderia ser localizada na forclusão da castração feminina e na eleição do intestino como novo órgão de gozo. Agora, será necessário inferir a

foraclusão da castração na alucinação do dedo cortado, no sentimento de vivacidade depois do despertar do sonho com os lobos e no olhar fixo dos mesmos sobre ele.

Os sinais da neurose de angústia apareceram após um sonho em que o paciente via lobos imóveis, sentados em uma árvore, olhando-o fixamente de uma janela frente a qual ele estava deitado. Segundo Miller (1987-1988a), Freud acreditava que por trás deste sonho de angústia se escondia a causa da neurose infantil, na medida em que o sonho instalava uma ruptura que fornecia uma significação genital a tudo o que o Homem dos Lobos viveu a partir daí. Assim, a passividade passou a ser interpretada por Freud como uma homossexualidade no sentido genital, que nada mais era do que a significação fálica, nas palavras de Lacan. Freud inseriu nesta nova interpretação uma investigação detalhada sobre a operatividade do mecanismo do recalque no Homem dos Lobos.

De acordo com Miller (1987-1988a), Freud enfatizou o processo de recalque em três pontos: 1) a satisfação se transformou em angústia; 2) essa satisfação era fundamentalmente a satisfação sexual recebida do pai; 3) tratava-se de uma viragem dessa satisfação sexual recebida do pai. A cena primária é um significante que funciona como um operador e permite compreender o estatuto da castração no Homem dos Lobos. Esta castração deveria transformar a satisfação em receber algo do pai em algo repulsivo. Para isso, "é preciso que ela se transforme em angústia, que toque na própria integridade do corpo que goza" (1987-1988a, pp. 22-23). Assim, a ameaça da castração poderia ser levada a sério e se tornaria real, ou seja, se tornaria operativa neste caso. Mas esta castração não era do registro de sua assunção, na medida em que a homossexualidade recalcada continuava evidente.

Freud esmiuçou esse sonho exaustivamente, dando sentido a cada elemento onírico presente no relato do paciente. No entanto, para este artigo foram selecionados apenas dois fragmentos – a sensação duradoura de realidade que o sonho deixou após o despertar e o olhar atento que todos os Lobos dirigiam ao menino –, que deixam ver mais alguns sinais que apontam para o diagnóstico de uma psicose ordinária.

A perplexidade que o menino experimentou ao acordar – a ponto de levar algum tempo para se acalmar e entender que era apenas um sonho – chama bastante atenção. Freud mostrou sua surpresa em duas passagens: "A sensação duradoura de realidade que o sonho deixou após o despertar, parecia-lhe também um fator digno de nota" (Freud, 1918[1914], p. 45). E mais, o sonho "parece apontar para uma ocorrência cuja realidade foi intensamente enfatizada como estando em marcado contraste com a irrealidade dos contos de fadas" (Freud, 1918[1914], p. 45). Esse sonho marcou o surgimento da angústia e produziu efeitos: "Desde então, até contar onze ou doze anos, sempre tive medo de ver algo terrível em meus sonhos" (Freud, 1918[1914], p. 41).

Uma outra questão está relacionada ao olhar fixo dos lobos sobre o menino. Nas palavras de Freud:

Ele acordara e vira alguma coisa. O olhar atento, que no sonho fora atribuído aos Lobos, deveria, antes, ser atribuído a ele. Num ponto decisivo, portanto, havia

ocorrido uma transposição; e, ademais, isso é indicado por uma outra transposição no conteúdo manifesto do sonho. (Freud, 1918[1914], p. 46)

Retomando a questão do objeto olhar enquanto mancha – que Lacan (1964) trabalhou em *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e no texto “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol. V. Stein” (Lacan, 1965) –, pode-se abordar essa cena de outra forma: o que causou a angústia no Homem dos Lobos não foi a visão dos lobos imóveis, olhando-o fixamente, mas, de forma invertida, a cena denotava que ele próprio se olhava olhando os lobos e, dessa forma, ele próprio se tomava como objeto. Ou melhor, ele se tornou puro olhar. Esta hipótese encontra fundamento em Miller (1987-1988a), na medida em que ele situa o Homem dos Lobos em duas vias pulsionais: ao mesmo tempo em que é um espectador, pois ele é aquele que olha, o Homem dos Lobos está na posição de ‘se fazer ver’.

A formação desse sonho está relacionada a uma cena de sexo entre os pais, presenciada pelo menino em torno de um ano e meio de idade. O sonho apresenta, através da ativação da cena primária (não é uma recordação), o modelo de satisfação que o menino espera obter do pai (copular com o pai do mesmo modo que sua mãe) e a compreensão de que a castração é uma condição necessária para isso. Neste sentido, o sonho permite uma conjugação entre o pai e a castração.

Em relação à cena primária, Lacan diz que:

No Homem dos Lobos, a impressão primitiva da famosa cena primordial permaneceu lá durante anos, não servindo para nada, e no entanto já significativa, antes de ter o direito de exprimir seu efeito na história do sujeito. O significante é, pois, dado primitivamente, mas ele não é nada enquanto o sujeito não o faz entrar em sua história, que toma sua importância entre um ano e meio e quatro anos e meio. O desejo sexual é com efeito o que serve ao homem para se historicizar, na medida em que é nesse nível que se introduz pela primeira vez a lei. (Lacan, 1955-1956, p. 180)

A cena primária, que se encontra na série do trauma primordial, funcionou como um primeiro elemento e passou a dar lugar a sucessivos desdobramentos que localizavam a relação do menino com o pai. Para Freud (1918[1914], p. 66), durante o sonho, o Homem dos Lobos se identificou com a mãe castrada e agora lutava contra esse fato: “o paciente não apenas imaginou inconscientemente a cena primária, mas também forjou a alteração no seu caráter, o medo ao lobo e a obsessão religiosa”.

Uma neurose obsessiva de conteúdo religioso

A fase da fobia associada à histeria de angústia foi substituída por uma neurose obsessiva de conteúdo religioso. Quando o Homem dos Lobos estava com quatro anos, a mãe, diante do

comportamento inadequado do menino, começou a familiarizá-lo com histórias bíblicas que não o agradavam. Ele se opunha enfaticamente aos caprichos do Deus Pai, responsável por todos os tormentos da humanidade: "Se era todo-poderoso, então era culpa Dele se os homens eram maus e atormentavam os outros e eram mandados para o Inferno por causa disso" (Freud, 1918[1914], p. 72). Essa iniciação religiosa acabou com as malcriações e fez aparecer sintomas obsessivos em substituição à fobia que havia predominado anteriormente.

Ele realizava rituais de devoção com rezas, sinal-da-cruz e uma ronda pelas imagens sagradas às quais beijava piamente. Se durante o ritual alguma blasfêmia surgisse em sua consciência, ele era obrigado a pensar compulsivamente: "Deus-suíno" ou "Deus-merda" (Ibid., p. 28). Freud relatava outros rituais de conteúdo religioso: quando o paciente via excrementos na estrada era atormentado pela obsessão de pensar na Santíssima Trindade, ou quando via pessoas em relação às quais sentia pena, respirava ou inspirava rigorosamente para não ficar como elas. Estes fenômenos começaram a partir de uma visita de Sergei ao sanatório em que o pai estava internado e revelavam uma identificação ao pai castrado, que, segundo Freud, se tratava de um elemento atípico ao campo da neurose obsessiva.

Ao identificar a submissão masoquista de Cristo ao Deus Pai, o Homem dos Lobos se transformou em Cristo. Surgiram perguntas sobre a existência de um traseiro e do hábito de defecação de Cristo às quais ele respondia que o traseiro era a continuação das pernas. A resposta a esta questão denunciava que a função referente ao órgão e à partilha sexual eram negadas, tal como quando uma mulher era definida pela presença do traseiro e não pela falta de pênis.

Pela aspereza e crueldade contidas nas histórias bíblicas, Sergei suspeitava da relação ambivalente entre o Pai e o filho. O amor infantil que nutria pelo pai o fez se voltar contra Deus, pois aquele que lhe fora apresentado não poderia ser o substituto do pai amoroso que tentava a todo custo manter. "Resistia a Deus com a finalidade de conseguir agarrar-se ao pai; e, ao agir assim, estava na verdade defendendo o velho pai contra o novo. Estava diante da parte penosa do processo de desligar-se do pai" (Freud, 1918[1914], p. 75).

O passo seguinte foi o de identificar o pai à figura do castrador, tal como nas histórias bíblicas. Essa justaposição se tornou fonte de uma enorme hostilidade a ponto de desejar-lhe a morte acompanhada de um enorme sentimento de culpa. As duas correntes, a de amor ao pai e a hostilidade em relação a Deus, tomaram toda sua vida e produziram efeitos sintomáticos que se manifestavam como ideias blasfemadoras, compulsão aos xingamentos de Deus, piedade obsessiva e severas penitências. Este momento religioso traduzia o esforço para sublimar as dificuldades anteriores de sua posição junto ao pai.

A sublimação lhe permitiu dar um destino à posição masoquista feminina, assumindo algo da ordem viril. Apesar de esta assunção supostamente concluir o recalque da atitude homossexual, ela não foi totalmente realizada; a dúvida do Homem dos Lobos sobre a existência de um traseiro em Cristo era um exemplo disso. Mas, apesar da sublimação atuar na homossexualidade recalçada, não houve uma mudança na posição de gozo de Sergei.

A posição feminina começou a ser falada na língua do erotismo anal. Freud acreditava que ele desempenhava um papel fundamental no desenvolvimento da vida sexual e da atividade psíquica de um indivíduo. Este fato se confirmara na história do Homem dos Lobos, que fez de seu erotismo anal a possibilidade de aceitar a castração de forma imaginária equivalendo fezes a bebê. Neste sentido, os distúrbios intestinais e as realizações de enemas indicavam que não houve um reconhecimento simbólico da castração e que a aceitação da feminilidade possibilitou uma determinada extração de gozo, modificando novamente sua posição junto ao pai.

O Homem dos Lobos apresentava distúrbios intestinais desde a infância. Para Freud, eram sintomas característicos da histeria que se encontravam frequentemente na origem de uma neurose obsessiva. Ele o encaminhou a um colega médico que diagnosticou estes problemas como uma doença psiquicamente determinada, sem a necessidade de nenhuma intervenção orgânica. Na opinião de Freud, as queixas giravam em torno do fato dele estar separado do mundo por um véu que só era rompido em uma única ocasião: "quando, depois de um enema, o conteúdo dos intestinos deixava o canal intestinal; então, sentia-se bem e normal outra vez" (Freud, 1918[1914], p. 83).

Segundo Miller (1987-1988a, p. 23), o mundo ocultado por um véu foi interpretado por Freud em dois planos diferentes. A primeira interpretação, de ordem significante, concerne ao sentimento de o Homem dos Lobos ser um *sortudo*, a quem nada de ruim poderia acontecer. O véu repercutiu nesta sorte. Sortudo foi destacado de uma fala vinda do Outro, um significante que o acompanhara desde seu nascimento. A segunda interpretação se situa no registro do objeto, no sentido de uma extração, e concerne ao momento em que o véu é rasgado com a condição que se administre uma lavagem intestinal.

O enema realizava a cena primária em uma versão renovada – denominada por Freud como "fantasia do renascimento" (Freud, 1918[1914], p. 108) – na medida em que ela fazia uma equivalência entre o objeto anal e um bebê. Além disso, colocava em cena o pai, a mãe e a criança como produto fecal. Esta equivalência permitiu uma nova transformação que manteve em evidência uma fixação à posição homossexual inconsciente. Ao reproduzir esta fantasia, o "renascimento" ofereceu certa estabilização ao Homem dos Lobos. Ela permitiu uma extração imaginária do objeto anal, a partir da qual ele renunciava à masculinidade para ser amado como uma mulher – se colocando como a mãe na cena primária –, ser sexualmente satisfeito pelo pai e dar-lhe um filho. No caso de Freud:

Deus-merda era provavelmente a abreviação de uma oferenda que se ouviu eventualmente mencionada de forma não abreviada. 'Cagar em Deus' (*‘auf Gott scheissen’*) ou 'cagar algo para Deus' (*‘Gott etwas scheissen’*) também significa dar-lhe um bebê ou conseguir que ele dê um bebê a alguém. (Freud, 1918[1914], p. 91, grifos do autor)

A aposta deste artigo é a de que a ameaça de castração sobre a qual Freud tanto se debruçou para explicar a neurose infantil do Homem dos Lobos, e todas as contradições apresentadas durante a elaboração desse caso clínico, são consequências da carência simbólica decorrente da forclusão do Nome-do-Pai. Na psicose, a falha da metáfora paterna acarreta problemas no posicionamento sexual e na significação fálica. Sem esse ponto de identificação, o psicótico é um sujeito sem referência diante do significante do sexo; ele fica à deriva no que se refere à partilha sexual. Para Miller (1987-1988a, p. 25), a forma como a sexuação é lida pelo Homem dos Lobos se distingue em duas vias: no campo imaginário, há uma afirmação da virilidade que, por ser do registro do eu (*moi*), carece de autenticidade simbólica; no inconsciente, ele é verdadeiramente uma mulher.

Ainda com base na forclusão da castração, o relato da alucinação do dedo cortado fornece novas teorizações para se pensar sobre a questão diagnóstica. A cena é a seguinte: o menino brincava com um canivete quando notou ter cortado um dedo da mão. Ele não sentiu dor, apenas medo; em seguida, percebeu que o dedo não havia sido machucado. Para Freud, esta alucinação não era um indício da *Verwerfung*, pelo contrário, ela dava testemunho do caráter operatório da castração. Mantinha este episódio como uma constatação da neurose, pois, por mais que tenha realizado uma distinção entre os mecanismos da *Verdrängung* e o da *Verwerfung*, ele não supôs esta última ao campo das psicoses.

No texto "*Fausse Reconnaissance ('Déjà Raconté')* no tratamento psicanalítico", Freud (1914) retomou esse episódio acrescentando uma equivalência entre o dedo e o pênis. O fenômeno da "fausse reconnaissance" o levou a enfatizar a dificuldade do Homem dos Lobos em assumir a existência operatória do complexo de castração: "falsificações alucinatórias semelhantes não são raras e podem facilmente servir ao propósito de corrigir percepções incômodas" (Freud, 1914, p. 210).

Seguindo Freud, Camargo e Coelho dos Santos (2012, p. 497) afirmam que a partir da equivalência entre pênis e dedo, "ambos como partes destacadas do corpo", ele concluiu que a perda imaginária do dedo era uma prova de que o Homem dos Lobos reconhecia, sim, a castração. Esta perda foi o momento em que a cena de coito dos pais, "primeiro núcleo do recalque" pôde ser simbolizado, estabelecendo, assim, o que anteriormente havia sido rejeitado. No entanto, Lacan considera que:

A respeito da *Verwerfung*, Freud diz que *o sujeito não queria nada saber da castração, mesmo no sentido do recalque*. Com efeito, no sentido do recalque, sabe-se ainda algo daquilo de que nem mesmo não se quer, de certa maneira, nada saber, e cabe à análise nos ter mostrado que se sabe isso muitíssimo bem. Se há coisas de que o paciente não quer nada saber, mesmo no sentido do recalque, isso supõe um outro mecanismo. E como a palavra *Verwerfung* aparece em conexão direta com essa frase e também com algumas páginas antes, eu me apodero dela. Não me

prendo especialmente ao termo, prendo-me ao que ele quer dizer, e creio que Freud quis dizer isso. (Lacan, 1955-1956, p. 173, grifos do autor).

Lacan interpreta esse episódio como uma verdadeira alucinação, como um fenômeno elementar característico da psicose. Além disso, enfatiza que a relação que Freud estabelece entre esse fenômeno e o *não querer saber, mesmo no sentido do recalcado*, pode ser traduzido como: "o que é recusado na ordem simbólica ressurgue no real" (Lacan, 1955-1956, p. 22).

De acordo com Miller (2006-2007, p. 44), a interpretação lacaniana da alucinação do dedo cortado desencadeou no Homem dos Lobos um conteúdo que escapou à simbolização primária e, por isso, não pôde ser historiado. Este fato é embasado pelo *mutismo aterrorizado*, uma impossibilidade de falar sobre o ocorrido, inclusive com a babá que lhe era tão confiável e estava a seu lado. Esta mudez permite constatar que a experiência foi vivida fora do campo do Outro. Por isso Miller (2006-2007, p. 48) afirma que "encontramos um real separado da fala, um real que nada espera da fala, diz Lacan, e que – é dele a expressão em itálico – *conversa sozinho*".

Lacan (1955-1956, p. 22) se refere a uma distorção da temporalidade: "parece que toda referência temporal tenha desaparecido. (...) Há aí um abismo, uma imersão temporal, um corte de experiência, depois do que resulta que não há absolutamente nada, tudo acabou". Esta distorção temporal foi retomada por Miller em *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: o sinthoma* (Miller, 2006-2007, p. 50) como um "esp de um laps", que acentua a ruptura e a descontinuidade marcadas por Lacan em "Prefácio à edição inglesa do Seminário 11" (Lacan, 1976).

Em "Análise terminável e interminável", Freud (1937) retomou o caso do Homem dos Lobos admitindo que fixar o tempo de duração de uma análise mostrava ser um recurso inadequado para a condução do tratamento analítico. Se, por um lado, fez acelerar o processo, por outro, o fez ser interrompido antes do seu fim. Segundo Freud, algumas das crises posteriores ao suposto final de análise se deveram a partes residuais da transferência que apresentavam um caráter distintamente paranoico.

À guisa de conclusão

Agnès Aflalo (2010) indica que a recusa e a aceitação da castração são suplências sintomáticas decorrentes da forclusão, mas que não a anulam. Neste sentido, a psicose do Homem dos Lobos não se desencadeou porque havia um mecanismo operatório que impedia que este fato ocorresse. Depois da análise com Freud, a figura do lobo – objeto condensador de gozo e causa de horror – inscreveu a função do nome no paciente. Sergei Pankejeff começou a se identificar socialmente como Homem dos Lobos, raramente usando, a partir daí, seu patronímico. Ter sido apelidado e, posteriormente, assumir-se como tal, foi uma amarração que forneceu certa estabilidade à sua vida. Esta solução resolveu algo do real com certa efetividade, na medida em que o simbólico nomeou o objeto de gozo e deu-lhe um lugar subjetivo.

Em 1926, apareceram alguns sintomas que o fizeram procurar Freud novamente. Este o encaminhou a uma analista que ele mantinha sob sua supervisão. Ruth Mack Brunswick o atendeu por cinco meses, de outubro de 1926 a fevereiro de 1927 e, posteriormente, em 1929. O paciente sofria de uma ideia fixa de hipocondria, se queixava de um problema no nariz causado pela eletrólise. Não havia nenhuma possibilidade de escapar das fantasias de mutilação, estava desesperado como nunca havia estado antes. Olhava-se constantemente em um espelho que levava consigo e acreditava que “todo o mundo olhava o buraco de seu nariz” (Brunswick, 1945, p. 186). Além disso, apareceram ideias de grandeza associadas ao dinheiro. Quando elas foram desconstruídas, a mania persecutória foi desencadeada de uma maneira mais difusa que o sintoma hipocondríaco. Ele acreditava que o médico o havia desfigurado intencionalmente e que sua atual enfermidade se devia a Freud não tê-lo tratado bem.

A analista o diagnostica como um caso de paranoia tipo hipocondríaca (Brunswick, 1945, p. 211) com sintoma monossintomático – localizado nos delírios de mutilação –, característico das afecções psicóticas. Ela conclui que a megalomania funcionava como uma proteção à construção da situação persecutória que apareceu logo em seguida: “o delírio hipocondríaco oculta as ideias de perseguição e lhe proporciona uma forma adequada ao conteúdo de toda a enfermidade”. Além da hipocondria e da perseguição, ela pontuou a ausência de alucinações nos delírios e ligeiras ideias de referência na estrutura psicótica de seu paciente (Brunswick, 1945, p. 214).

Sua recuperação foi repentina: os romances se tornaram sua maior fonte de prazer. Aproximadamente dois anos depois, em 1929, ele retomou a análise com Brunswick. Vinha por uma relação amorosa conturbada. Este tempo de análise se estendeu por vários anos, com certa irregularidade. Segundo a analista: “não restava nenhuma marca de psicose ou de tendências paranoides” (Brunswick, 1945, p. 179).

Muriel Gardiner foi a terceira analista do Homem dos Lobos nos períodos de 1938-1949 e, posteriormente, em 1956. Desde o primeiro encontro, em 1927, ela não viu nada que pudesse ser considerado anormal. Era um homem socialmente adequado e suas conversas giravam em torno da arte, da literatura e da psicanálise. “Desde então, nos muitos anos que o conheço, jamais observei sinais ou sintomas que pudesse considerar verdadeiramente paranoides” (Gardiner, 1938-1949, p. 280). Contudo, salientou que após o suicídio da esposa, em 1938, ele não conseguia falar de nada que não fosse si mesmo, a morte da mulher e a crueldade do destino.

A analista descreveu alguns episódios de depressão com uma periodicidade determinada, em intervalos de dois a quatro anos. Notara que as depressões estavam sempre relacionadas com algum acontecimento que as desencadeassem. Ela não acreditava que fossem de caráter psicótico, pois o que ele “experimenta como depressão é às vezes uma reação frente a uma perda real e outras a desesperança que provocam suas dúvidas obsessivas, sua culpa, suas autoacusações e sua sensação de fracasso” (Gardiner, 1938-1949, p. 280).

Relatou que em 1951 alguns analistas poderiam diagnosticar que os fenômenos do Homem dos Lobos seriam considerados como os de uma paranoia. Face à indecisão em se apresentar às

autoridades militares russas que o haviam interrogado anteriormente, ele vivenciou “delírios de perseguição: pensava que as pessoas falavam de mim ou me olhavam quando sem dúvida não era assim, ainda quando na realidade não teve a sensação de que alguém me seguia” (Gardiner, 1938-1949, p. 280-281). Doze anos depois que as forças russas haviam saído da Áustria, esta atitude de perseguido se mantinha preservada. Era a mesma estrutura delirante de 1927, quando começou a análise com Brunswick.

Gardiner (1938-1949) reavaliou a análise do Homem dos Lobos ocorrida com Brunswick entre 1926 e 1927, dizendo que não colocava em dúvida que os sintomas fossem psicóticos, mas em vista do êxito desta análise e de seu rápido estabelecimento, era preciso questionar o diagnóstico. Em seu entendimento, os períodos de depressão, de dúvida, de vacilação, de ambivalência, de sentimento de culpa e de fortes necessidades narcísicas eram manifestações do defeito que a neurose obsessiva deixou após a recuperação do paciente. Estes sintomas foram modificados e reduzidos pela psicanálise, mas não desapareceram.

Notas

¹ Artigo produzido no contexto de um Pós-doutoramento, orientado pela Prof. Dra. Tania Coelho dos Santos no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica (IP/UFRJ), a partir de um subcapítulo da minha Tese de Doutorado intitulada *O que as psicoses ordinárias ensinam?* (2012), orientada pela Prof. Dra. Marcia Mello de Lima. A pesquisa conta com o financiamento da FAPERJ.

² Estes encontros foram intitulados *A convenção de Antibes* (Miller et al. 2006), *O conciliábulo de Angers* e *A conversa de Arcachon* (Miller et al. 2005).

Referências bibliográficas

- Aflalo, A. (2010). Reavaliação do caso do Homem dos Lobos. *Entrevários – Revista de Psicanálise e Saúde Mental*, (5), 9-53. São Paulo: CLIN-a.
- Brunswick, R. M. (1983). Suplemento a la “Historia de una neurosis infantil”. In Gardiner, M. (Ed.). *El hombre de los Lobos por el hombre de los Lobos. Los casos de Sigmund Freud*, (1), 179-221. Buenos Aires: Nueva Visión (Trabalho original publicado em 1945).
- Coelho dos Santos, T. & Camargo, S. (2012). O Homem dos Lobos e a atualidade da incerteza diagnóstica. *Tempo psicanalítico*, 44(2), 477-502. Rio de Janeiro: Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle.
- Deffieux, J.-P. (2007). Nome-do-Pai e suplência. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (50), 373-375. São Paulo: Eolia (Trabalho original publicado em 2006).
- Geller, S. (2005). Nota a la edición castellana. In Miller, J.-A. et al. (Org.). *Los inclasificables de la clínica psicoanalítica* (pp. 11-12). Buenos Aires: Paidós (Trabalho original publicado em 1996-1997).
- Freud, S. (1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 157-183). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1896).

- Freud, S. (1996). *Fausse Reconnaissance ('Déjà Raconté')* no tratamento psicanalítico. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 203-212). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). O inconsciente. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 163-222). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1994). História de uma neurose infantil. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 13-130). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1918[1914]).
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 223-270). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1937).
- Gardiner, M. (1983). La vida del Hombre de los Lobos años después. In Gardiner, M. (Ed.). *El hombre de los Lobos por el hombre de los Lobos. Los casos de Sigmund Freud*, (1), 223-285. Buenos Aires: Nueva Visión (Trabalho original publicado em 1949).
- Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. *Outros escritos* (pp. 198-205). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1965).
- Lacan, J. (2003). *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. Outros escritos* (pp. 567-569). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1976).
- Laia, S. (2009). Categoria e dimensão no DSM-V e na psicanálise de orientação lacaniana. *Curinga – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, (29), 93-102. Belo Horizonte: EBP.
- Laurent, É. (2011). *El sentimiento delirante de la vida*, Buenos Aires: Diva (Trabalho original publicado em 2010).
- Mandil, R. (2010). O DSM e as novas formas identitárias. Recuperado de <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/horizontes/textos/dsm.pdf>.
- Miller, J.-A. (2009). O Homem dos Lobos (1ª parte). *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (56/57), 9-65. São Paulo: Eólia (Trabalho original publicado em 1987-1988a).
- Miller, J.-A. (2011). O Homem dos Lobos (2ª parte e final). *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (59), 9-64. São Paulo: Eólia (Trabalho original publicado em 1987-1988b).

- Miller, J.-A. et al. (2005). *Los inclasificables de la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós (Trabalho original publicado em 1996-1997).
- Miller, J.-A. et al. (2006). *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós (Trabalho original publicado em 1998).
- Miller, J.-A. (2006). A arte do diagnóstico: o rouxinol de Lacan. *Curinga – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, (23), 15-33. Belo Horizonte: EBP-MG (Trabalho original publicado em 2001).
- Miller, J.-A. (2009). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 2006-2007).
- Miller, J.-A. (2010). Efeito do retorno à psicose ordinária. Recuperado de http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_3/Efeito_do_retorno_psicose_ordinaria.pdf. (Trabalho original publicado em 2009).
- Reymundo, O. (2011). Os limites do simbólico e o supereu. *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, (68), 63-64. São Paulo: EBP.
- Santiago, J. (2010). A ordem simbólica no século XXI. Ela não é mais o que era antes. Quais as consequências para o tratamento analítico? *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (58), 5-7. São Paulo: Eólia.
- Souto, S. (2010). O sonho do Homem dos Lobos e a invenção de uma linguagem de gozo. *Bloco de notas* 4. Recuperado de <http://xa.yimg.com/kq/groups/3762754/16625433/name/O%20Sonho%20do%20Homem%20dos%20Lobos%20e%20a%20Inven%80%A0%A6%E7%E3o%20de%20>.

Citação/Citation: Tironi, A. C. (nov. 2013 a abr. 2014). O caso paradigmático de O Homem dos Lobos. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(17), 43-66. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17853/1809-709x.2019v9n17/p43-66.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 14/06/2013 / 06/14/2013.

Aceito/Accepted: 23/10/2013 / 10/23/2013.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.

